

ORGANIZADORAS
Ana Maria Lopez Calvo de Feijoo · Ingrid Vorsatz ·
Maria Bernadete Medeiros Fernandes Lessa

POESIA E PROSA EM DIÁLOGO COM A CLÍNICA PSICOLÓGICA

ORGANIZADORAS

Ana Maria Lopez Calvo de Feijoo

Ingrid Vorsatz

Maria Bernadete Medeiros Fernandes Lessa

"Acrescentamos a este estudo reflexões sobre a literatura para, assim, aproximarmos-nos da experiência existencial. Literatura aqui tomada como um campo de saber que, dando voz à experiência do homem, faz aparecer o seu sentido. Como nos diz Pessoa referindo-se à experiência (1919/1980): "Qual a filosofia que chega a uma certeza maior?" (p.170). A poesia e a literatura nos aproximam da experiência mais originária da existência humana, ou seja, anterior a qualquer interpretação científica ou filosófica do fenómeno. Como defende Barthes (2007): "A ciência é grosseira, a vida é sutil, e é para corrigir essa distância que a literatura nos importa" (p. 17). Provavelmente, é na tentativa de corrigir essa distância que a presença da literatura nos estudos *psi* se faz presente desde Freud. E é na tentativa de nos aproximarmos da experiência daquele que bate à nossa porta em busca de um atendimento clínico, que também recorreremos à literatura para, assim, confiar que ao tomar a experiência em seu vigor, a vida mesma possa ser alcançada (não abarcada em sua totalidade). Como afirma Barthes (2007) sobre a literatura que nos interstícios da ciência guarda "fulgor indireto, ilumina o novo que chega" (p.17)."

(Feijoo, 2017, p.32-33)

Feijoo, A.M. C. (2017). *Existência & Psicoterapia: da psicologia sem objeto ao saber na clínica psicológica existencial*: Rio de Janeiro, Edições IFEN.



POESIA E PROSA EM DIÁLOGO
COM A CLÍNICA PSICOLÓGICA



φαίνεται μοι κῆνος ἴσος θεοῖσιν
ἔμμεν' ὦνερ, ὅτις ἐναντίος τοι
ἰσθάνει καὶ πλάσιον ἄδω φωνεί-
σας ὑπακούει

καὶ γελαισας ἰμέροεν, τό μ' ἦ μὰν
καρδίαν ἐν στήθεσιν ἐπτόαισεν·
ὥς γὰρ ἔς σ' ἴδω βρόχε', ὥς με φώναι-
σ' οὐδ' ἐν ἔτ' εἴκει,

ἀλλὰ καὶ μὲν γλῶσσα <μ' > ἔαγε, λέπτον
δ' αὐτίκα χροῖ πῦρ ὑπαδεδρόμηκεν,
ὅππότεσσι δ' οὐδ' ἐν ὄρημ', ἐπιρρόμ-
βεισι δ' ἄκουαι,

καδ' ἴδρως ψυχρὸς χέεται, τρόμος δὲ
παῖσαν ἄγρει, χλωρότερα δὲ ποίας
ἔμμι, τεθνάκην δ' ὀλίγω 'πιδεύης
φαίνομ' ἔμ' αὐται·

ἀλλὰ πὰν τόλματον ἐπεὶ † καὶ πένητα†



COORDENAÇÃO EDITORIAL:
Maria Bernadete Medeiros Fernandes Lessa

SÉRIE
Congressos, Jornadas e Seminários

ORGANIZADORAS DA SÉRIE
Ana Maria Lopez Calvo de Feijoo
Elaine Lopez Feijoo
Maria Bernadete Medeiros Fernandes Lessa
Myriam Moreira Protasio

CONSELHO EDITORIAL DA SÉRIE
Adriano Holanda – UFP – BR
Ana Maria Lopez Calvo de Feijoo – UERJ/IFEN – BR
Andrés Eduardo Aguirre Antúnez – USP – BR
Carmem Lúcia Barreto – UNICAP – BR
Daniel Souza – ISPA/SPPE – PT
Elisabete Marques Jesus de Sousa – CFCUL – PT
Elza Dutra – UFRN – BR
Henriette Tognetti Penha Morato – USP – BR
Irene Borges – UÉ – PT
Jose Paulo Giovanetti – UFMG – BR
Paulo Eduardo Rodrigues Alves Evangelista – UFMG – BR
Roberto Novaes de Sa – UFF – BR
Tommy Akira Goto – UFU – BR
Victor Rodrigues Amorim – ISPA/SPPE – PT

REVISÃO ORTOGRÁFICA
A revisão ortográfica, de concordância gramatical, regência e de clareza do comunicado dos capítulos é de inteira responsabilidade de seus autores.

CAPA, PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO
Rejane Megale

ILUSTRAÇÃO CAPA E 4ª CAPA
Safo. (2020). *Fragmentos Completos* (2ª ed.). (G.G. Flores trad. bilingue) Poema 31, livro I. S.P., São Paulo, Brasil: Editora 34. pp.108 -109.

1ª EDIÇÃO – 500 EXEMPLARES

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
(CÂMARA BRASILEIRA DO LIVRO, SP, BRASIL)

Poesia e prosa em diálogo com a clínica psicológica / organizadoras Ana Maria Lopez Calvo de Feijoo, Ingrid Vorsatz, Maria Bernadete Medeiros Fernandes Lessa. -- Rio de Janeiro : IFEN, 2021. -- (Congressos, jornadas e seminários ; 7)

Vários autores.
ISBN 978-65-87456-08-9

1. Ensaios 2. Existencialismo 3. Fenomenologia 4. Hermenêutica 5. Lispector, Clarice, 1920-1977 6. Psicologia I. Feijoo, Ana Maria Lopez Calvo de. II. Vorsatz, Ingrid. III. Lessa, Maria Bernadete Medeiros Fernandes. IV. Série.

21-71412

CDD-150

Índices para catálogo sistemático:

1. Ensaios : Psicologia 150
Cibele Maria Dias - Bibliotecária - CRB-8/9427

O conteúdo na íntegra de cada capítulo e o emprego das normas é de responsabilidade única e exclusiva do seu autor.

Todos os capítulos foram submetidos a uma avaliação às cegas (*double blind review*) por pares. O livro recebeu financiamento do IFEN, que é uma instituição sem fins lucrativos na categoria científica.

Proibida a reprodução parcial ou total desta obra sem autorização da Edições IFEN.

Todos os direitos desta edição reservados a

EDIÇÕES IFEN – Brasil

Rua Barão de Pirassinunga, 62 – Tijuca – Rio de Janeiro – Brasil

www.edicoes.ifen.com.br | e-mail: edicoesifen@ifen.com.br



Fragmento 31*

Num deslumbre ofusca-me igual aos deuses
esse cara que hoje na tua frente
se sentou bem perto e à tua fala
doce degusta

e ao teu lindo brilho do riso – juro
que corrói o meu coração no peito
porque quando vejo-te minha fala
logo se cala

toda a língua ali se lacera um leve
fogo surge súbito sob a pele
nada vê meu olho mas ruge mais
ruído no ouvido

gela-me a água e inunda-me o arrepio
me arrebatava e resto na cor da relva
logo me parece que assim pereço
nesse deslumbre

tudo é suportável se fáté um pobre†

* Safo. (2020). *Fragmentos Completos* (2ª ed.). (G.G. Flores trad. bilingue) Poema 31, livro I. S.P., São Paulo, Brasil: Editora 34. pp.108 -109.

A Clínica
psicológica:
"Sei que é difícil, mas
eu vou falar mesmo
assim"

Ana Maria Lopez Calvo de Feijoo

Este ensaio foi construído por meio a discussões de leituras indicadas por Yan Sousa de Almeida de contos e crônicas escritos por Clarice Lispector. Ressalto que Yan fez sugestões e observações muito pertinentes e que em muito contribuíram com os aspectos poéticos do texto. Este, no entanto, é resultado de um desafio dirigido a mim por Eduardo da Silveira Campos. Ele me intimou a escrever uma passagem da minha vida como professora primária. No momento em que ele me provocou, dei-me conta que, sempre em todos os meus ofícios estava presente, em meu estilo, o deixar que o outro, meio como milagre, salto, instante, aparecesse de outro modo em outra relação com aquilo que lhe vinha ao encontro.

Pronto, vamos à provocação de Eduardo e tentarei esclarecer o porquê dessa intuição. Vou contar para vocês algo que

me ocorreu quando eu estava com 17 anos. Eu ministrava aulas para crianças e as ensinava dentre muitas outras coisas a escrever, ler, somar e subtrair. Nessa ocasião cumpria a minha vocação para ensinar crianças entre sete e oito anos. Essa relação guardava uma beleza indescritível. Entre nós havia uma relação amorosa que eu não conseguiria definir com palavras.

Dentre os alunos, havia uma aluna que permanecia sempre próxima a mim, sentava na carteira colada à minha mesa, carregava a pauta de chamada, apagava o quadro-negro, sempre disposta e vivaz, perguntava: “Tia, posso apagar?” ou afirmava: “Me dê a pauta, vou colocá-la em sua mesa” e por aí vai. Quando eu perguntava sobre as respostas do dever de casa ou se algo ali surgia como questão, ela prontamente levantava o dedo para responder. Às vezes, eu tinha que pedir que ela esperasse um pouco, pois outros poderiam também querer responder. Ela olhava ao redor parecendo ansiosa para que ninguém respondesse. Na maioria das vezes conseguia o protagonismo, mas quando não conseguia, ficava tranquila, aguardando a próxima oportunidade. Na maioria das vezes, ela acertava as questões que eram endereçadas aos alunos. Luciana, com sete anos de idade, já sabia fazer contas de somar e ler. As notas que ela alcançava nas suas provas mostravam bem que ela sabia ler, escrever, somar e subtrair. O modo com que sorriamos uma para a outra é inesquecível. Havia uma cumplicidade, que eu tentava disfarçar para não provocar ciúmes nos outros alunos, mas Luciana não disfarçava nada, não saía do meu lado.

Um certo dia, depois da primeira parte da aula, eu saía para o intervalo e me dirigia à Direção quando Luciana pediu para ir comigo. Eu lhe disse: “Você não vai aproveitar o recreio para brincar com tuas amigas?”. Ela respondeu que preferia ir comigo e, nesse mesmo momento, pegou a minha mão e de

mãos dadas seguimos no corredor rumo à sala da Direção. Durante esse percurso, a menina largou a minha mão. Olhei meio de esguelha, estranhei, mas não prestei muita atenção ao que ocorrera. Podia ver de relance que ela brincava com os dedos. Eu, preocupada com o assunto que iria tratar, percebia isso, porém ao longe, bem distante do que estava acontecendo. Subitamente, Luciana parou e eu parei também. Ela posicionou-se em frente a mim e fitou-me com “olhar de vaca”, ou seja, um olhar para mim que estava em outro lugar, perdida em sua descoberta. E ainda brincando com os dedos, disse-me: “Tia descobri, descobri, mostrando-me os dedos das duas mãos, repetiu, olha o que eu descobri: quatro mais dois é igual a seis”.

Fiquei impactada, surpresa e ao mesmo tempo feliz com a descoberta da criança. Ri por dentro e me perguntei: Ela não sabia disso? Ela insistiu, no sentido de me convencer que era verdade e falou: “Quer ver?”. E com os dedinhos com que ela estava se distraindo, mostrou quatro dedinhos de uma das mãos com dois da outra e contou: “Viu aqui tem um, dois, três, quatro e aqui tem um, dois. Agora conta um, dois, três, quatro, cinco, seis”. Luciana até aquele momento conhecia o fato de que dois mais quatro eram seis, mas naquele instante ela viu o que antes ela só conhecia, mas não via. Luciana conhecia a norma e o código idealmente posicionados pela minha mão disciplinadora –daquela que ensina. Soltou minha mão, em um diálogo silencioso, ela saltou se apropriando de uma liberdade criadora – soltou minha mão – e saltou para sua liberdade criadora.

Quarenta anos já se passaram e bastou Eduardo falar do instante para que eu me recordasse dessa passagem tão significativa no percurso de minha tarefa de ensinar e, portanto, de sustentar a possibilidade de transformação daquele que eu

ensino e a minha mesma. Sim, porque quando em relação um se transforma, os dois se transformaram. A minha apresentação de hoje será exatamente tentar dizer algo que “*Sei que é difícil, mas eu vou falar mesmo assim*”.

Há pouco tempo, Yan me indicou a leitura de uma crônica intitulada *Da natureza de um impulso ou Entre os números um ou Computador eletrônico* de Clarice Lispector (2018a). Ela inicia o texto com a seguinte frase “Sei que o que eu vou falar é difícil, mas que é que eu vou fazer, se me ocorreu com tanta naturalidade e precisão?” (p.259).

Foi dessa crônica de Clarice que nasceu a minha vontade ou necessidade de mais uma vez falar sobre esse tema, ou seja, algo que ocorre na relação e que a psicologia chama de *insight* e Walt Disney representava com uma lâmpada na cabeça do Professor Pardal. Na tentativa de falar sobre a relação, foi que muitas vezes pude experimentar o impulso e um impulso que me levava a algum lugar sem precisar chegar a lugar nenhum, ou seja, concluir. Até hoje, por mais que eu tenha tentado, não consegui explicar o que aconteceu naquele encontro com Luciana. Durante a faculdade de Psicologia aprendi que ela teve um *insight*. Sempre que falo em *insight* me lembro da história em quadrinhos do Walt Disney, especialmente do pardal, que era um pesquisador ou algo dessa natureza que inventava muitas coisas, e toda vez que tinha uma boa ideia aparecia uma lâmpada acesa em sua cabeça. Pensava durante a aula em que o professor me ensinava sobre o *insight* e via Luciana com a lâmpada na cabeça. Sabia que era insuficiente toda aquela explicação para apreender o que ocorrera naquele dia.

Ao ler o conto de Clarice (2018a), percebo algo que acontece com a mulher de seu conto e que fez aparecer para mim o meu problema: eu ruminava como ruminam as vacas (palavras de Nietzsche), nos conta Clarice:

Não era nada mais que um impulso. Para ser mais precisa, era impulso apenas, e não um impulso. Não se pode dizer que este impulso mantinha a mulher porque manter lembraria um *estado* e não se poderia falar em estado quando o impulso o que fazia era continuamente levá-la. É claro que, por hábito de chegar, ela fazia com que o impulso a levasse a alguma parte ou a algum ato. Mas logo depois ela se dava conta de que não a levava em caráter conclusivo a lugar nenhum do tipo resultado (p.259).

Foi isso que aconteceu quando, por impulso, apareceu para mim algo. Sei que quando eu contar sobre o impulso que me conduzia a buscar algo, com certeza todos dirão: “é óbvio”. Assim como quando me deparei com a descoberta de Luciana, pensei: “Como, ela não sabia disso?”. Hoje depois de muito ruminar, sei que não era bem assim. Sei que é óbvio, mas como diz o poeta, o óbvio é o mais difícil de ser visto. Ou ainda como diz o filósofo, aquilo que está mais próximo é o mais difícil de ver. O que é então esse óbvio a que eu me refiro? Calma, vou dizer: “A relação clínica é o mais importante no encontro analista-analisando”. Assim como sei hoje que a relação que Luciana e eu tínhamos era o mais importante na relação de ensinar.

Sei que todos perguntarão mesmo que em pensamento: “mas você não conhecia isso?”. Do mesmo modo que Luciana, sempre acertava nas provas e sabia responder o que o professor perguntava. Rogers e May, dentre outros, chegaram a essa mesma conclusão! Sei que a relação no encontro psicoterapêutico sempre foi um tema privilegiado das psicoterapias, principalmente nas perspectivas humanistas e existenciais. Os estudiosos com essas orientações intuía meio que por impulso que era nesse elemento que se encontrava a questão fundamental – ou seja – que promovia a mudança ou a cura naquele que se encontrava em conflito ou em sofrimento. Sem

dúvida, esse aspecto do encontro clínico também não deixou de ser tema da psicanálise freudiana. Freud deu muita ênfase à importância da transferência para o início propriamente dito da análise psicanalítica. Eles todos chegaram a essa conclusão, talvez até pelo hábito de chegar, concluir, fechar.

Outra vez volto a ruminar essas questões: afinal, o que podemos dizer sobre relação psicoterapêutica, encontro clínico, transferência? O que e de que modo cada um desses estudiosos da clínica psicológica disseram a esse respeito? Leio, estudo e me debruço sobre o que eles disseram, com dedicação. Retorno a pensar sobre o tema, quero falar dele, mesmo sabendo da dificuldade que é falar no sentido de esclarecer, para além do sentido lógico. Eu concordo que todos discorreram sobre o tema, até entendi em uma cadeia lógica o que eles disseram, mas naquele momento, em que a relação e a medida que nascem dessa própria relação apareceram para mim, isso foi como uma grande descoberta, como mais ou menos diz Alberto Caeiro (Pessoa, 1985), e nas minhas palavras: vi pela primeira vez, antes apenas conhecia e o mero conhecer é um ver de segunda mão.

Tal como Luciana que um dia descobriu que quatro mais dois era igual a seis, um dia também descobri algo. Eu me encontrava totalmente distraída, ou seja sem mediação da lógica, na escuta dos atendimentos clínicos realizados pelo meu grupo de supervisão, quando de repente algo apareceu para mim, meio que um sussurro: “O que importa no encontro clínico é a relação, esse ‘entre’ que ocorre nesse encontro”. Fiquei perplexa! Eu sabia disso, mas nunca tinha visto como vi dessa vez – vi com muita clareza. Tal como Luciana olhei de modo fixo para meus alunos, como diz Nietzsche, com olhar de vaca e tentei imediatamente contar para eles, que ali se encontravam, e todos riram em um misto de perplexidade e surpresa, como se tivessem pensado: “Ela não sabia disso?”. Naquela situação em

que eu era a que ensinava e eles os que aprendiam, os papéis se inverteram, eu tinha que dizer que não soubera até então, tal como Luciana, naquele momento, o que na relação apareceu para mim e eu sabia que não era *insight* e não havia lâmpada nenhuma. Continuei a falar, não sei se para mim mesma ou para os alunos: “O importante na clínica é a relação onde nasce a medida existencial que acontece no encontro. Medida estranha que não aparece pela métrica de um espaço ou de normas a serem seguidas no fazer clínico”. Concluí que quanto mais eu carregasse as normas e diretrizes sobre o como se deve fazer clínica, mais eu me distanciava dessa experiência que é ardua às normas. Podia ver, naquele momento, que o modo como os alunos conduziam as suas experiências clínicas era algo tão singular que não podia ser explicado e muito menos sistematizado. Há muito tempo eu dizia às pessoas próximas que não gostava de minha apresentação escrita sobre as situações clínicas que eu acompanhara. Dizia com um certo incômodo que faltava algo que acontecia, mas eu não sabia dizer o que era, parecia indizível. Havia algo no modo de se relacionar uma outra espécie de medida e isso, intraduzível em palavras, era o que sustentava a possibilidade de transformação. Algo difícil de falar, ou seja, indizível, algo impossível de esclarecer e de ouvir, ou seja, inaudível. Pelo caráter incompreensível do acontecimento clínico e por isso foi que decidi dar esse título a esta apresentação: “Sei que é difícil, mas vou falar mesmo assim”.

Ao pensar o título, rapidamente me veio uma lembrança. Lembrei que no início da década de 90 do século passado estudei física quântica. Ouvi uma palestra na primeira faculdade em que lecionei um físico dizer mais ou menos isso: “Dependendo de quem olha uma substância, ela pode aparecer como partícula ou como onda, ela se dá de acordo com a relação”. Na época isso fez muito sentido para mim. Eu queria saber se

a relação clínica era também dessa mesma natureza. Aprendi nessa ocasião que a ressonância, tal como explicada pela física, era uma espécie de onda, atmosfera, cadência, tonalidade. Só pude entender o que era ressonância quando concretizei o conceito na experiência. Foi então que observando crianças em um parque de diversão e me lembrando do modo como eu quando criança manejara o balanço da mesma forma que elas manejam hoje, ou seja, apreendendo através da própria experiência a como dar impulso – de modo que corpo, balanço, ar, espaço e movimento formavam uma unidade indissociável – o balanço poderia ir bem alto, sem que ninguém o impulsione-se. Lembrei-me também que se um recém-nascido for jogado em uma piscina, ele se relaciona com a água de um modo tal, que ele nada. Pensei: é assim que se dá a relação clínica!

Continuei a estudar. Estudei muito, fiz muitas aulas de física quântica, escrevi a respeito. Mas ficava sempre uma ponta solta. Estudei Kierkegaard, Heidegger, um pouco de Husserl, menos ainda Sartre, tudo porque queria amarrar as duas pontas, tal como *Dom Casmurro* de Machado de Assis (2008/1899).

Há aproximadamente três anos procurei, por diferentes caminhos, esclarecer a revolta ligeiramente agradável da qual fala Clarice Lispector. Fui para o passado remoto e procurei esse esclarecimento nos gregos homéricos e trágicos e com eles descobri que teria que pensar na questão da *hybris* e do *métron*. Busquei dialogar com o pensamento de Heidegger, e com isso cheguei à conclusão que a relação clínica consiste em um aventurar-se no próprio aberto. O “como” desse aventurar-se descortinei com o auxílio de Heidegger. Com isso apareceram dois acenos com relação àquilo que quero esclarecer e que, no entanto, se retrai na sua mostraçã: 1 – a medida tal como percorrida pelos gregos e 2 – esse aberto do qual fala Heidegger. A relação clínica se mostrou como a possibilidade

para a possibilidade da conquista da medida existencial, ou seja, a relação se mostra como angústia, tal como definida por Kierkegaard (1843/2010), “Angústia é a realidade da liberdade como possibilidade para a possibilidade” (p. 53). A minha tentativa ainda era a de poder concluir, até que a sensação atonal do contato atonal com o impulso atonal pareceu ter acontecido. Clarice (2018a) refere-se ao momento em que isso acontece na mulher de seu conto e que carece de tonalidade definida:

O que fez a mulher ter uma expressão de olhos que, factualmente, era a de uma vaca. As coisas tendem a tomar a forma do fato que se é (o modo como o que é se torna fato é um modo infinitesimal, rápido) (p. 261).

Com o olhar de vaca, tal como o de Luciana e o da mulher do conto, mais uma vez me surpreendi. Mas vamos deixar isso para depois.

O lugar de pesquisadora me impulsiona a esclarecer ainda mais, ou seja, buscava concluir. Retornei a buscar mais explicações que pudessem ser convincentes. Sabemos que a medida na atualidade é compreendida em termos de cálculos que antecipam por meio do numérico e das normas de procedimentos. E é justo esse modo de medir que se estabeleceu e ganhou força em nosso tempo. A medida, tomada como algo da ordem da objetividade e, portanto, posicionada pela subjetividade, dificulta ver outros modos de aparecimento da medida. Por fim, a questão é: O quanto estou disposta a me entregar à luta para não esquecer daquilo que é constitutivo da relação clínica e no qual a medida existencial aparece? Heidegger (2010) dá um caminho, diz ele mais ou menos o seguinte: é pelo apelo à linguagem que significa desobstruir hábitos arcaicos do pensamento. É esse o caminho que pretendo seguir. E no caminhar desse caminho poder me entregar ao

milagre das relações humanas que encontram a sua dimensão *entre* o céu e a terra; o homem e deus. Vou destacar o *entre*.

Concluí então que estudei muito, pensei pouco e me entreguei ainda menos ao que sensivelmente aparecia para mim. Como eu poderia, com tanta experiência na clínica, na própria tarefa de clinicar, nas atividades de supervisão e nas aulas sobre psicoterapia, não saber esclarecer que o milagre da clínica – que eu sabia, via, compartilhava – operava transformações.

O que no início pareceu-me como uma questão importante e que eu acreditava que um dia seria concluída, não se concluiu até hoje. Sou impelida a concordar com Clarice, é apenas impulso, é atonal, e aquilo que é da ordem do impulso não diz respeito a um mero fazer que se conclui, como ocorre em um simples comprar e vender. Dessa forma, deixei de querer chegar a uma conclusão definitiva e a uma descoberta do que definitivamente definisse o que era uma relação psicoterapêutica. Pude ver que eu queria conquistar a tranquilidade para não me deixar tomar pela atmosfera da angústia. Queria manter-me no paraíso daquele que tem o saber e pode dá-lo a conhecer. E na atmosfera da minha revolta ligeiramente agradável, em relação direta com a minha liberdade, o meu querer compassou-se com o meu poder. Em uma “revolta agradável o ar em movimento é brisa”, diz Lispector (2018a) e continua.

revolta ligeiramente agradável, que se foi intensificando em mais e mais agradável, até que a aplicação de si mesma em si mesma se tornou sumamente agradável – e, com o próprio atonal, ela se tornou o que se chama música, quer dizer, audível. Naturalmente sobrou, como na boca sobra um gosto (p.261).

Há alguns anos estou tentando alcançar o paraíso, tentando esclarecer algo que me toma no âmbito da experiência clínica, e que, no entanto, por mais que eu me esforçasse, não

conseguia falar sobre isso de modo a ser compreendida. Trata-se da relação clínica, ou melhor, sobre o elemento essencial dessa relação – o *entre* – algo da ordem do incompreensível, do inaudível e indizível.

Pronto! Encontrei a outra ponta! Lembra do personagem de Dom Casmurro que retorna a sua infância para poder amarrar as duas pontas? Pois é, por meio da lembrança transformada na história que contei para vocês, encontrei a outra ponta. Agora, outra vez, me encontro frente a frente a outra questão, sou professora, ensino o fazer da clínica, como esclarecer o que faço aos aprendizes da clínica psicológica?

Recorro à literatura. Guimarães Rosa (2001) me fala sobre a terceira margem do rio, ou seja, ele me lembra outra vez a importância do “entre”. Esse “entre” que é o mais fundamental para que as outras duas margens se formem. Esse mesmo poeta me conta a história do bêbado em Tutaméia (Rosa, 1967); que pergunta insistentemente onde fica o outro lado e ao chegar do outro lado e fazer a mesma pergunta tem a mesma indicação: lá – lado oposto ao que ele se encontra. Eu era o próprio bêbado, indo de um lado para o outro para encontrar algo que não estava em lado algum, como nos mostra a seguinte passagem:

Dera de rodear caminhos, semiaudaz em qualquer rumo. E avistou um avistado senhor e com ele se abraçou – Pode me dizer aonde estou? – Na esquina de 12 de setembro com 7 de outubro. – Deixe de datas e detalhes! Quero saber é o nome da cidade...

E atravessou a rua, zupicando, foi indagar de alguém – Faz favor, onde é que é o outro lado? – Lá...apontou o sujeito. Ora! Lá eu perguntei, e me disseram que era cá... (Rosa, 1967, p. 103)

Por fim, voltei à literatura e encontrei algo que Clarice Lispector (2018a) diz em um de seus textos: “Sei que o que eu vou falar é difícil, mas que é que eu vou fazer, se me ocorreu

com tanta naturalidade e precisão?”. Isso quando ela tentava falar desse *entre*. Volto à escritora: “Até entre o número um e o número um, há, como se pode adivinhar um um” (p. 260). Esse um *entre* dois números é importante justo por ser um ‘entre’. É esse *entre* que é atonal, é impulso, diz Clarice. Essas palavras ressoaram em mim. Esse *entre* é impulso e por isso querer explicá-lo é querer transformá-lo em coisa. E de repente, concluí: preciso aprender a permanecer em um eterno caminhar na clínica, deixá-la acontecer. É preciso não precisar mais explicar e, no acontecimento do ensinar, que acontece na própria experiência do deixar que a relação aconteça, e deixando, ainda no cuidado do aprendiz, aquilo que ele pode fazer com que ensinei. Ensinar pela minha experiência é meu destino, aprender é uma tarefa que cabe ao aprendiz. E nessa relação com aqueles que eu ensinava, fui deixando, pouco a pouco, o *entre* aparecer. Foi nesse momento que, em pleno ato de ensinar aos jovens psicoterapeutas a arte da relação clínica, um aluno me disse: “Fantástico!”. Assustei-me, com o livro na mão, olhando para o nada, de repente, me identifiquei com a mulher apresentada por Clarice (Lispector, 2018a):

Com a vassoura numa das mãos, pois, ela usou a outra mão para ajeitar os cabelos. Acabou de reunir com a vassoura os cacos do copo quebrado – na verdade, o quebrar-se inesperado do copo é o que havia dado artificialmente um *finito*, e a fizera deslizar para o um entre os dois *uns* – acabou de reunir os cacos com vivacidade de movimentos. O homem que estava na sala percebeu a vivacidade dos movimentos, não soube entender o que percebera, mas como realmente percebera, disse tentativamente, sabendo que não estava exprimindo sua própria percepção: o chão está limpo (p.261).

Foi nesse instante que me tornei livre das normas e da tensão muito própria à arte de ensinar. E caí em mim, concluindo

que a grande limitação de quem tentar conhecer alguma coisa é justamente querer conhecer o que se encontra entre o número um e o número um – no caso de Clarice. No meu caso, é querer de modo objetivo e simplificador dizer o que há nesse *entre* de modo a poder conhecê-lo, explicá-lo e replicá-lo. Era preciso deixar que ele aparecesse na própria experiência agora de ensinar e aprender. Concluí que exatamente ao tentar mostrar, fazer ver, por meio das palavras, alguma coisa se perde. E o que se perde é o mais profundo, que para Clarice é o não pensável e o indizível. E aquilo que ao dizer se perde é justo o MILAGRE: aquilo que ao se ver, no estilhaço morre. Ao amarrar as duas pontas, pude ver que já não havia ponta alguma, aconteceu o milagre. Nesse momento, depois de ter estudado muito, pensado mais ainda e sentido em demasia, tornei-me livre para junto àqueles que me acompanham, no aprendizado da clínica, poder conversar sobre a experiência da clínica. Foram necessários o salto, o instante, o milagre tal como esclarece Clarice. Yan, ao ler o que eu já havia escrito, indicou-me a leitura da crônica de Clarice (Lispector, 2018b) intitulada *Palavras apenas fisicamente*, diz ela:

Na Itália *il miracolo* é de pesca noturna. Mortalmente ferido pelo arpão, larga no mar sua tinta roxa. Quem o pesca, desembarca antes de o sol nascer – sabendo com o rosto lívido e responsável que arrasta pelas areias o enorme peso da pesca milagrosa: *il miracolo amore*. Milagre é lágrima caindo na folha, treme, desliza, tomba: eis milhares de *milágrimas* brilhando na relva.

The miracle tem duras pontas de estrela e muita prata farpada. *Le miracle* é um octógono de cristal que se pode girar lentamente na palma da mão. Ele está na mão, mas é de se olhar. Pode-se vê-lo de todos os lados, bem devagar, e de cada lado é o octógono de cristal. Até que de repente – arriscando o corpo e já toda pálida de sentido – a pessoa entende: na própria mão aberta não está um octógono, mas *le miracle*. A partir desse instante não se vê mais nada: tem-se.

Para passar de uma palavra física ao seu significado, antes destrói-se-a em estilhaços, assim como o fogo de artifício é um objeto opaco até ser, no seu destino, um fulgor no ar e a própria morte. Na passagem de simples corpo a sentido de amor, o zangão tem o mesmo atingimento supremo: ele morre (p. 352).

Ainda tentando caminhar um pouco mais, de modo a não me deixar seduzir pelo canto da sereia, ou melhor, da ciência, esta que tudo tenta explicar para reter, com a ajuda de Clarice e ainda tropeçando nas palavras que ajudam ao mesmo tempo que dificultam qualquer ver.

Há um tipo de apreensão em que apreender é diferente de entender, assim como ter é diferente de deixar ser. Assim é a relação clínica: ao tentar explicá-la ou detê-la de modo a alcançar uma equação lógica que a torne passível de repetição, a perdemos. É preciso apreender por outra medida que não seja a do ter. Porque dominar pela explicação é acabar com o milagre.

Clarice (2018c) me ajuda a pensar, ela diz:

Essas perguntas, essas perplexidades, já ocorreram a muitos e muitos. Não sei se eles souberam responder. Eu não. Só sei dizer que a vida não tem lógica. E a beleza de ver é ilógica também (p. 324).

A ideia é que entender a relação pela “lógica” é não respeitar a vida, que não tem lógica. E a beleza da relação como a do cristal octogonal está em saber ver o ilógico também. Entender justamente pelo não saber. Clarice diz, “não entender é melhor do que entender” (p. 260), parece que ela quer dizer que o não entender é que abre espaço para que os milagres aconteçam.

Sei que é difícil, mas vou falar assim mesmo, diz Clarice (2018d):

Bem, fui escrevendo ao correr do pensamento e vejo agora ter me afastado tanto do começo que o título desta coluna já não tem nada a ver com o que escrevi. Paciência. Arrisquei, corri o risco pela busca do senso de pesquisa e descoberta (p.318).

Com a ajuda de Clarice, pude abrir a possibilidade de ver que nos próprios dedos podemos descobrir que quatro mais dois faz aparecer o seis. E isso pelo ver e não pelo entender. O grande e ao mesmo tempo simples mistério é deixar aparecer, que no próprio ver, o fazer da clínica mostre a importância da relação clínica. E para tudo isso acontecer, tem que se ter paciência e não ter pressa.

Ensinar a clínica também exige paciência, sem pressa para que a beleza da relação possa acontecer apenas pelo ver, sem querer explicá-la. Lembrem que ao tentar conter para explicar, o milagre desaparece. Vale ressaltar a beleza da própria relação. Milagre não mais como ventania que agita, traz incômodo, mas como uma brisa, em que o se encontrar nela, sem precisar aprisioná-la, traz conforto, tranquilidade, paz – próprios daquele que sem a tensão da lógica, se entrega ao milagre da relação.

Foi difícil, mas me arrisquei a falar mesmo assim.

E Luciana? Perguntarão vocês. Pois é, eu esbarrei com ela há pouco tempo. Ela se formou em biologia, aprendeu inglês, fez mestrado e doutorado. Hoje é professora universitária. Ela faz pesquisa, publica muitos artigos. Enfim, é renomada. E o mais surpreendente é que conversando com ela, pude ver que hoje ela não conta mais seus dedos para descobrir algo que nasce em sua criatividade, hoje ela segue à risca os compêndios, os manuais e sobretudo o método que guia seu pensamento. Ela se esqueceu que há outra forma de aprender, ou seja, aprender no ver. E eu, junto a Luciana, comecei outra vez

a ruminar: O que fazemos com nossas crianças? As enquadraremos. Com muito lamento me lembrei de Clarice quando ela nos alerta em seu conto "Menino a bico de pena" como vamos pouco a pouco fazendo o menino abandonar as suas descobertas para que ele com muito orgulho se torne a identidade de um adulto produtivo, como Szymborska (2011) alerta em seu conto intitulado *Primeira foto de Hitler*.

Referências

- Assis, M. (2008). Dom Casmurro. In Machado de Assis: *Obra completa em quatro volumes*. Rio de Janeiro: Editora Aguilar (original publicado em 1899)
- Heidegger, M (2010). *Que significa pensar?*. (Raul Gabás, Trad.). Madrid: Editorial Trota (Original publicado em 1951-52).
- Kierkegaard, S. (2010). *O conceito de angústia*. (Álvaro Valls, Trad.). Petrópolis: Vozes (Original publicado em 1844).
- Lispector, C. (2018a). Da Natureza De Um Impulso Ou Entre Os Números Um Ou Computador Eletrônico. In *Todas as crônicas*. Rio de Janeiro: Rocco.
- Lispector, C. (2018b). Palavras apenas fisicamente. In. *Todas as crônicas*. Rio de Janeiro: Rocco.
- Lispector, C. (2018c). As grandes indagações. In. *Todas as crônicas*. Rio de Janeiro: Rocco.
- Lispector, C. (2018d). O "Verdadeiro" Romance. In. *Todas as crônicas*. Rio de Janeiro: Rocco.
- Pessoa, F. (1985). *Poemas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Rosa, G. (2001). *Primeiras estórias*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Rosa, G. (1967). *Tutaméia: terceiras estórias*. Rio de Janeiro: José Olimpo Editora.
- Szymborska, W. (2011). *Poemas*. (Regina Przybyaen, Trad.). Rio de Janeiro: Companhia das Letras.

O descortínio silencioso em Clarice Lispector

Ana Lúcia Trindade de Souza

O objetivo deste artigo é ilustrar a epifania na obra de Clarice Lispector e analisar como as orientações sedimentadas do horizonte histórico podem restringir o caráter de abertura do ser-aí. Para tanto, estabelecendo um diálogo entre a psicologia e a literatura, buscou-se demonstrar nos contos *Amor e A imitação da Rosa* o momento em que um acontecimento banal descortina a realidade íntima das coisas, desvelando aquilo que estava encoberto pelo automatismo cotidiano.

À luz da psicologia fenomenológico-existencial, homem e mundo são indissociáveis, o homem existe articulado com os outros no mundo e com o seu horizonte histórico, constituindo-se tal como puder e quiser, sendo um processo de vir-a-ser nunca acabado. Diante desta acepção, pensar numa clínica fenomenológica é pensar numa clínica que suspende